

VARIAÇÃO FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

9
aula

META

Demonstrar a importância do estudo da variação na fala de uma comunidade e sua relação no mecanismo da mudança lingüística.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá: reconhecer no português brasileiro as principais variações fonológicas

- das vogais postônicas;
- das vogais pretônicas;
- das consoantes posvocálicas.



PRÉ-REQUISITOS

Aula 08.

(Fonte: <http://www.plenarinho.gov.br>).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN defendem que ensinar é produzir e promover conhecimento. Nessa perspectiva podemos compreender o ensino de língua portuguesa como capaz de promover a produção do conhecimento, devido à necessidade de interação social dos indivíduos e a relação deles com o conhecimento. Essa dimensão de ensino de língua

INTRODUÇÃO

portuguesa pressupõe considerar a língua em sua dimensão heterogênea, ou seja, deve-se levar em consideração a sua heterogeneidade, a sua diversidade, mas deve-se considerar também os falantes que a utilizam porque a língua se presta a numerosas formas de uso. Essas formas de uso dependem do meio social, ou socioeconômico, ou cultural dos falantes, ou da situação de comunicação nas quais os falantes se encontram. É importante ressaltar que do ponto de vista lingüístico, temos apenas diferentes usos porque as pessoas não falam da mesma maneira.



(Fonte: <http://www.submarino.com.br>).

Fatores linguísticos (posição das palavras na frase, a ênfase se a determinados elementos, as relações de concordância que se estabelecem entre vários elementos da frase, o uso de pronomes etc.) e extralinguísticos (sexo, faixa etária, nível de escolaridade, situação socioeconômica, profissão, situação de comunicação etc.) podem interferir no uso da língua. Para Labov, a existência de variações e estruturas heterogêneas nas comunidades linguísticas é uma realidade.

VARIAÇÃO FONOLÓGICA

Em princípio, uma língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas: 1. diferenças de espaço geográfico ou variação diatópica (falares locais, variantes regionais); 2. diferenças entre as camadas sócio-culturais ou variação diastrática (nível culto, nível popular, língua padrão etc) e 3. diferenças entre os tipos de modalidade expressiva (língua falada, língua escrita, literária, linguagem formal, coloquial, linguagens especiais, linguagem dos homens, das mulheres etc) ou variação diamésica.

As principais regras fonológicas de variação no português brasileiro ocorrem na posição pós-vocálica da sílaba. É muito importante observar que as vogais médias /e/ e /o/ são geralmente pronunciadas [i] e [u] em sílabas átonas, pretônicas ou postônicas, principalmente as átonas finais. Conforme vimos na aula 06, quando da classificação das vogais, segundo o prof. Mattoso Câmara Jr., em posição átona final ocorre uma neutralização entre a vogal alta (/i/ e /u/) e a média(/e/ e /o/) em proveito da alta. Assim é que em palavras como ‘marte’, ‘parto’, as vogais /e/ e /o/ finais são sempre pronunciadas [i] e [u]. Isso acontece em todo o Brasil, em todas as classes sociais, em qualquer grau de escolaridade, entre homens e mulheres. Portanto não há discriminação quanto a essa variante; todos nós a usamos. Não é preciso repetir que as médias de 1º grau (/ɛ/ e /ɔ/) nunca aparecem entre as átonas finais. Nas postônicas não finais, pode ocorrer neutralização ou não. Aqui no Nordeste muitas vezes pronunciamos abertas as vogais ‘e’ e ‘o’ em palavras como

‘número’ [¹ numɛɾu] e ‘pérola’ [¹ pɛɾɔla]. Sabemos que essas mesmas palavras são, na maioria das vezes, pronunciadas como [¹ nuneru] e [¹ pɛɾola] ou [¹ numiɾu] e [¹ pɛɾula]. Por isso o prof. Ricardo Cavaliere afirma que

não há registro no português do Brasil de vogais médias de primeiro grau (/ɛ/ e /ɔ/) nesta posição. Uma pronúncia [¹ numɛɾu] ou [¹ pɛɾola] decerto não seria acatada como variante ortoépica pelo falante do português, razão por que não se há de falar, neste caso, em neutralização entre as médias de segundo e primeiro grau, senão em verdadeira impossibilidade de ocorrência dessas últimas. (CAVALIERE, 2005, p. 81.)

Variante ortoépica

Tipo de variação quando se compara a pronúncia normal e correta das palavras

Mas nós sabemos que essas pronúncias ocorrem aqui em Sergipe, apesar do que diz o prof. Cavaliere. É claro que, como é uma característica nordestina, é muito desprestigiada. Entretanto, mesmo no Sul e Sudeste do Brasil, encontramos palavras em que ocorrem não apenas as médias de segundo grau (/e/ e /o/), mas principalmente as médias de 1º grau (/ɛ/ e /ɔ/) quando antecedem a um tepe (/ɾ/). Exemplo: ópera, câmara, frutífero pronunciadas [¹ ɔpɛɾa], [¹ kamɛɾa], [fɾu ¹ tifɛɾu]. Outro ponto a assinalar nas átonas postônicas não finais é em relação à existência ou não de neutralização das anteriores /e/ pelo /i/. Sabemos que o prof. Mattoso Câmara Jr. afirma que há apenas neutralização do /o/ pelo /u/. Entretanto estudos recentes pautados no modelo variacionista, demonstram que há neutralização tanto do /o/ pelo /u/ quanto do /e/ pelo /i/, conforme assinala a prof^a. Leda Bisol, “os resultados da análise estatística apontam ... que na pauta da postônica não final, a elevação de ambas as vogais vem ocorrendo,...(BISOL, 2002, p.130).

Passemos agora para a ocorrência das átonas pretônicas. Em relação às vogais pretônicas orais médias (/e/, /ɛ/, /o/, /ɔ/), verificamos que desaparece a distinção entre /e/ e /ɛ/ e entre /o/ e /ɔ/. Aqui no Nordeste nós optamos pela pronúncia aberta em palavras como negado [nɛ ¹ gadu] e podado [pɔ ¹ dadu], enquanto

na região Sul e Sudeste eles optam pela pronúncia fechada [ne 'gadu] e [po 'dadu]. Por isso mesmo, encontramos nos trabalhos sobre fonética, a característica da abertura das pretônicas para a fala do nordestina. Mas isso não é tudo, veja o que dizem as professoras Yonne Leite e Dinah Callou:

A opção por uma vogal baixa aberta, [ɛ] ou [ɔ], ou alta fechada, [i] ou [u], obedece a condicionamentos estruturais e sociais, sutilezas que passam despercebidas aos falantes e ouvintes. O primeiro condicionamento é a presença de uma vogal alta ou baixa na sílaba acentuada, como em c[u]ruja e p[i]rigo, em vez de coruja e perigo, P[ɛ]lê e b[ɔ]lota, em vez de Pelé e bolota. As consoantes adjacentes são também condicionadoras do processo de elevação. A lateral palatal, grafada lh, tem o efeito de alterar a vogal (c[u]lher e m[i]lhor). As consoantes labiais (p/b, f/v, m) provocam a elevação apenas de o, como em m[u]leque, b[u]neca, apesar da presença em sílaba tônica de uma vogal aberta. A vogal pretônica da palavra melhor chega, em algumas áreas, a admitir as três pronúncias, m[e]lhor, m[i]lhor e m[ɛ]lhor, a primeira, em que nenhuma regra se aplica, já que a elevação e abaixamento são processos facultativos, a segunda, em que atua a consoante lh, e a terceira em que o fator condicionante é a vogal aberta da sílaba tônica (LEITE; CALLOU 2002, p. 41)

Em relação às vogais nasais /ẽ/ e /õ/, observamos que apenas o /ẽ/ pode ser pronunciado /ĩ/ como em 'encolhido' e 'encontro' pronunciados [ĩku 'lhidu] ou [ĩko 'lhidu], [ĩ'kɒntɾu], mas é difícil encontrarmos embelezar com a pronúncia [ĩbele 'zar]. É mais fácil encontrarmos [ẽ bele 'zar] ou [ẽ bele 'zar], não é mesmo?

Passemos agora para as consoantes em posição posvocálica. Em todas as regiões do Brasil, o /R/ pós-vocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais (amar > amá; saber > sabê; sentir



(Fonte: <http://www.riogrande.com.br>).

> senti), nas formas do futuro do subjuntivo: (se eu estiver > estivé; se ele quiser > quisé; se ela fizer > fizé), nos substantivos (amor > amô); nos adjetivos (melhor > melhó); e nos advérbios (devagar > devagá).

Quando o suprimimos, alongamos a vogal final e damos mais intensidade a ela. A regra de supressão do /R/ nos infinitivos dá origem a uma

hipercorreção (fenômeno que você

já conhece) que resulta em construções assim: “João *estar muito quieto hoje”. Esta, como qualquer outra hipercorreção, decorre de uma hipótese malsucedida. O falante da língua, quando suprime um r em infinitivo verbal ao escrever, faz isso porque na língua oral ele já não usa mais esse r. Então, ao produzir uma forma como está, da terceira pessoa do singular do indicativo presente, imagina que nela também haveria um r que foi igualmente suprimido, e acrescenta esse suposto r, incorrendo numa hipercorreção. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 85)

Hipercorreção

Preocupação de falar bem que resulta em erro. (ultracorreção)

A vocalização do /l/ pós-vocálico, tanto em final de sílaba quanto em final de palavra, é uma outra característica comum a todas as regiões do Brasil exceto o Sul. Mesmo assim, “a pronúncia vocalizada concorre em Porto Alegre com a pronúncia velar/alveolar, com predomínio da primeira entre os jovens, o que indicaria uma mudança em progresso...” (LEITE; CALLOU 2002, p. 47) Nas palavras paroxítonas terminadas em /l/, observamos também a supressão desse fonema em estilos não-monitorados, principalmente quando estão falando depressa. Para o ensino, a vocalização do /l/ pós-vocálico torna-se um problema porque os alunos têm de aprender a usar a letra ‘l’ em palavras como sol, dócil, cartel, total, a letra ‘u’ em palavras como cacau, pauta, e a letra ‘o’ em palavras como

navio, pavio. Por isso sempre dizemos que é preciso tempo para que a criança adquira a norma escrita.

Outro fonema que ocorre na posição pós-vocálica é o /s/. Esse fonema é representado graficamente pelas letras **s**, **x**, **z**, exemplo bis, metas, luz, tenaz, exposição. Como vimos na aula 05, quando tratamos da classificação das consoantes segundo o prof. Mattoso Câmara Jr.. Aqui em Aracaju, em relação às quatro sibilantes, temos o seguinte:

1. diante de pausa ou de consoante surda, exceto /t/ temos /s/:
casas /'kazas/, as feiras /asfeyʁas/, as cartas /as'kaʁtas/, as pausas /as'pawzas/, as salas /a'salas/;
2. diante de t- temos /ʃ/: teste /teʃti/, tostar /tɔʃtaʁ/;
3. diante de vogal e de consoante sonora exceto -d, temos -z: as árvores /a'zaʁvɔʁis/, as balas /az'balas/, as gomas /az'gomas/, as velas /az'vɛlas/, as laranjas /azla'rãʒas/, as malas /azmalas/, os ninhos /uz'niʃus/;
4. diante de d- temos /ʒ/: desde /'deʒdi/, as dinhas /aʒ'diɲas.

Continuando o nosso estudo sobre a variação fonológica, passemos agora para a **monotongação** de ditongos. A monotongação do ditongo [ow] já está generalizada na língua oral, mesmo nos estilos monitorados. Praticamente não pronunciamos esse ditongo mais, nem nas sílabas tônicas finais que são mais resistentes, nem nas átonas iniciais ou internas.

- cantou > [kã' to]
- vou > [' vo]
- pouco > [' poku]
- tesouro > [te' zoʁu]
- outro > [' otʁu]
- ouru > [' oʁu]

Esse processo (a monotongação do ditongo [ow]) é muito antigo na língua, desde a evolução do latim para o português, como podemos ver em paucum > pouco > poço. Portanto a escola precisa dedicar muita atenção na escrita desse ditongo desde o início do processo de alfabetização para que o aluno se familiarize com esse fato.

Monotongação

Refere-se à perda da semivogal dos ditongos.

Outros ditongos que sofrem processo de monotongação são os ditongos [ay] e [ey]. A redução desses ditongos ([ay] e [ey]) é condicionada aos contextos fonológicos. Os fonemas [ʒ], [ʃ] e [r] como em queijo, faixa e feira provocam a monotongação, por isso pronunciamos [ˈkeʒu], [ˈfaʃa] e [ˈfeɾa]. Mas antes de fonemas como /v, l, t, s, n, m/ não ocorre a monotongação como podemos ver nas pronúncias das palavras raiva [ˈɾayva], seiva [ˈseyva], jeito [ˈʒeytu], baila [ˈbayla], baita [ˈbayta], paisagem [payˈzaʒey], reino [ˈReynu], teima [ˈteyma]. Observamos que em palavras como manteiga já se reduz o ditongo, apesar de não haver redução antes de leiga. Aqui em Sergipe já estamos monotongando o ditongo [ey] antes de [d], como no nome próprio Almeida pronunciado [awˈmeda].

Ainda que a regra de monotongação dos ditongos com a semivogal /i/ esteja menos avançada na língua que a regra de monotongação do ditongo /ou/, ela requer também muita atenção em sala de aula, principalmente em palavras muito usadas como DINHEIRO, COZINHEIRO, INTEIRO, CABELEIREIRO, BEIJO, LIMOEIRO etc (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 97)

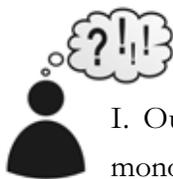
A linguagem tem um caráter simbólico, pois identifica se o falante é brasileiro ou português, se é nordestino, carioca ou sulista. Além disso, a fala também permite reconhecer se o falante é homem ou mulher, jovem ou idoso, se tem escolaridade ou não. Como a linguagem é um parâmetro, também é usada para discriminar e estigmatizar o falante. Lingüísticamente falando, Não se justificam julgamentos de valor porque a capacidade de linguagem é inata. Sendo assim, não existe variante boa ou má, dialeto superior ou inferior. Na realidade, essas variações são, muitas vezes, determinadas por fatores sociais. Essas variações são mais flagrantes no vocabulário e na pronúncia, entretanto o falante do norte do Brasil não tem nenhuma dificuldade de entender o falante do sul. A falta

de compreensão nunca foi problema, a questão era e é sempre a existência de uma língua padrão que, de acordo com Yonne Leite e Dinah Callou, recaiu na fala do Rio de Janeiro. Essa preferência

se deveu, prioritariamente, a razões extralingüísticas: o fato de o Rio de Janeiro estar geograficamente no centro de uma polaridade norte/sul, ser centro político há mais tempo, capital da Colônia desde 1763, e ser uma área cuja linguagem culta tende a apresentar menor número de marcas locais e regionais, com uma tendência universalista, dentro do país. (LEITE; CALLOU2002, p. 9-10).



(Fonte: <http://www.batepapoecommerce.com>).



ATIVIDADES

I. Ouça a música folclórica CARANGUEJO e identifique as monotongações ocorridas.

Caranguejo não é peixe, Palma, palma, palma.

Caranguejo peixe é. Pé, pé, pé!

Caranguejo só é peixe Roda, roda, roda.

Na vazante da maré. Caranguejo peixe é.

II. Agora ouça a música de Chico Buarque *A banda*, e assinale as variações existentes.

Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

O homem sério que contava dinheiro parou
O faroleiro que contava vantagem parou
A namorada que contava as contava as estrelas parou
Para ver, ouvir e dar passagem

A moça triste que vivia calada sorriu
A rosa triste que vivia fechada se abriu
E a menina toda se assanhou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou
Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou
A moça feia debruçou na janela
Pensando que a banda tocava pra ela

A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu
A lua cheia que vivia escondida surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar cantando coisas de amor

Mas para meu desencanto
O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a banda passou

E cada qual no seu canto
Em cada canto uma dor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. A palavra caranguejo apresenta uma variante; normalmente é pronunciada como tendo um ditongo /ey/. Isso faz com que muitos alunos escrevam errado a palavra.
2. Na palavra peixe ocorre exatamente o contrário. O ditongo /ey/ é monotongado.

II. Agora ouça a música de Chico Buarque A banda, e assinale as variações existentes.

1. Substantivos terminados em -r não pronunciados = amor, dor.
2. Verbos terminados em -r não pronunciados = passar, ver, ouvir, dar, sair.
3. Monotongação do ditongo /ow/ = chamou, parou, assanhou, pensou, dançou, debruçou, espalhou, enfeitou, acabou, passou.
4. Ditongação de vantagem, passagem.

A grande extensão territorial do Brasil acrescida de uma população, além de numerosa, muito diversificada permite antever uma heterogeneidade dialetal e não “a idealização de um país monolíngue e de uma gramática pura, imutável”. Acrescente-se a isso, a realidade de uma elite econômico-social que detém o privilégio do domínio de um português padrão que lhe assegura um poder político-cultural.

CONCLUSÃO

Como não há como acabar com o preconceito linguístico porque a pressão social é contínua e os meios de comunicação de massa sempre corroboram com esse preconceito, a escola, para ser realmente democrática, deveria reconhecer a diversidade linguística e trabalhar com essa diversidade a fim de possibilitar a todos os brasileiros as mesmas oportunidades para o acesso às normas prestigiadas.

VARIAÇÃO DIACRÔNICA

etimologicamente: aquela que se dá através do tempo. Às vezes essa variação é percebida comparando-se gerações.

Variação diatópica = (do grego dia = através de; topos = lugar) diferenças que uma mesma língua apresenta quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país.

Variação diastrática = etimologicamente: o tipo de variação que se encontra quando se comparam diferentes estratos de uma população. Diferença entre o português falado pela parte mais escolarizada da população e pela parte menos escolarizada.

Variação diamésica = etimologicamente: variação associada ao uso de diferentes meios de expressão utilizados. Refere-se principalmente às variações que se observam entre a língua falada e a língua escrita. Entre o falado e o escrito há uma diferença de planejamento.

RESUMO



As principais regras fonológicas de variação no português brasileiro ocorrem na posição pós-vocálica da sílaba.

Em posição átona final ocorre uma neutralização entre a vogal alta (/i/ e /u/) e a média (/e/ e /o/) em proveito da alta.

Nas postônicas não finais, pode ocorrer neutralização ou não entre [ɛ, e, i] e [ɔ, o, u], principalmente se esses fonemas ocorrem antes de tepe [ɾ]

Nas vogais pretônicas orais médias (/e/, /ɛ/, /o/, /ɔ/), pode desaparecer a distinção entre /e/ e /ɛ/ e entre /o/ e /ɔ/. A presença de uma vogal alta na sílaba acentuada alteia a vogal pretônica, e a presença de vogal baixa na sílaba tônica baixa a vogal pretônica. Se a lateral palatal (/ʎ/), grafada lh, vier após a vogal pretônica ela tem o efeito de aliar a vogal. As consoantes labiais (p/b, f/v, m) provocam a elevação apenas de /o/.

Nas pretônicas nasais /ẽ/ e /õ/, pode haver neutralização do /ẽ/ pelo /ĩ/, mas não há obrigatoriedade.

As consoantes em posição posvocálica também apresentam variação. Em todas as regiões do Brasil, o /ɾ/ pós-vocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais e nas formas do futuro do subjuntivo.

O l pós-vocálico é vocalizado em todas as regiões do Brasil exceto o Sul.

O /s/ pós-vocálico, como vimos desde a aula 05, aqui em Aracaju, é realizado de quatro maneiras:

1. diante de pausa ou de consoante surda, exceto /t/ temos /s/:
casas /'kazas/, as feiṛas /as' feyɾas/, as cartas /as' kaɾtas/, as pausas /as' pawzas/, as salas /a' salas/;
2. diante de t- temos /ʃ/: teste /'teʃti/, tostar/tɔʃ'taɾ/;
3. diante de vogal e de consoante sonora exceto -d, temos -z: as árvores /a' zaɾvɔɾis/, as balas /az' balas/, as gomas /az' gomas/, as velas /az' vɛlas/, as laranjas /azla' ɾaʒas/, as malas /az'

malas/, os ninhos /uz 'niɲus/;

4) diante de d- temos /ʒ/: desde /'deʒdi/, as dinhas /aʒ'diɲas/. Os ditongos [ow], [ay] e [ey] podem ser monotongados. Somente a monotongação dos ditongos ([ay] e [ey]) é condicionada a determinados contextos fonológicos.

WILLIAM LABOV

Nasceu em 4 de dezembro de 1927 em Rutherford, Nova Jersey. estudou em Harvard (1948). Sua tese MA (1963) é um estudo de mudança no dialeto de Martha's Vineyard. Teve seu PhD (1964) na Columbia University sob orientação de Uriel Weinreich. É considerado o fundador da teoria da variação na sociolinguística. Labov ensinou na Columbia (1964-70) antes de se tornar professor de linguística na Universidade da Pensilvânia (1971). Os métodos que ele usou para recolher dados para o seu estudo das variedades de Inglês falado na cidade de Nova York, foram publicados como A Estratificação Social de Inglês em New York City (1966). Mais recentemente ele tem estudado as mudanças na fonologia de Inglês falado nos Estados Unidos hoje.

REFERÊNCIAS

- BISSOL, Leda e BRESCANCINI C. **Fonologia e variação; recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2002.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CALLOU, Yonne e LEITE, Dinah. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CAVALIERE, Ricardo. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2007.a
- MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. **Problemas de lingüística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 2007.b